



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALBERTO MARTINS DA COSTA

2013

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-347

Entrevistado: Alberto Martins

Nascimento: não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistador/a: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 11/09/2013

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Christiane Macedo

Pesquisa: Christiane Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 17 minutos e 06 segundos

Páginas Digitadas: 6 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Educação Física adaptada; Universidade Federal de Uberlândia; Disciplina “Esporte e Deficiência”; Paralímpiadas; Contato com o Esporte Paralímpico; Parapanamericano; Delegação do Comitê Paralímpico Brasileiro; Academia Paralímpica Brasileira; Funções de um chefe de delegação; Patrocínio do Esporte Paralímpico; Valorização do esporte Paralímpico.

Porto Alegre, 11 de setembro de 2013. Entrevista com Alberto Martins da Costa a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiro gostaria de agradecer o tempo disponibilizado. Sabemos que está no meio do evento¹ e para a gente é muito importante esse depoimento, principalmente porque não temos muito acervo sobre o esporte paraolímpico. Queria que você falasse um pouco como foi sua aproximação com o esporte paralímpico.

A.M. – Na realidade a minha aproximação começou antes do esporte paralímpico com a Educação Física adaptada. Ela começou aqui no Rio Grande do Sul em Tramandaí num congresso onde nós tínhamos uma comissão em 1985, proposta pela SEED/MEC² e esta comissão discutia a inclusão da disciplina Educação Física e esportes adaptados, currículos de Educação Física do Brasil. A partir daí nos começamos a discutir a questão da Educação Física, do esporte, incluímos a disciplina em várias universidades, inclusive na minha universidade que é a Universidade Federal de Uberlândia e a partir daí nos começamos a ter um maior contato não só com a Educação Física e atividade física, mas também com algumas modalidades esportivas. A partir daí também incluímos a disciplina Esporte e Deficiência no currículo da Faculdade de Educação Física, isso fez com que eu me aproximasse um pouco mais do esporte propriamente dito. Mas a minha aproximação real se deu a partir de 1996 quando eu tive oportunidade de assistir a Paralímpiada³ de Atlanta nos Estados Unidos e a partir de 1997 eu comecei a chefiar as delegações do Comitê Paralímpico Brasileiro em campeonatos mundiais, Parapanamericanos e Paralímpiadas. A partir daí então eu chefiar a delegação do Brasil em vários mundiais, três Parapanamericanos e três Paralímpiadas, em Sidney⁴, Atenas⁵ e Pequim⁶ e a partir daí eu venho trabalhando tanto na universidade quanto no próprio Comitê Paralímpico Brasileiro fazendo consultorias, assessorias e mais recentemente coordenando a Academia Paralímpica Brasileira.

¹ Entrevista foi realizada durante uma semana com palestras sobre Esporte Paralímpico realizada na ESEF-UFRGS, nos dias 10 a 12 de setembro de 2013.

² Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação.

³ Jogos Paralímpicos.

⁴ Em 2000.

⁵ Em 2004.

⁶ Em 2008.

C.M – Como você se envolveu com a Academia Paralímpica Brasileira? Está desde 2010? Estava no início?

A.M – Sim, na realidade a Academia Paralímpica Brasileira é uma iniciativa do próprio Comitê Paralímpico Brasileiro através da sua presidência e também da direção técnica que achou por bem aproximar o esporte Paralímpico o Comitê Paralímpico Brasileiro da academia, das universidades. E, logicamente, é uma tendência internacional onde alguns países já possuem academia, existe a Academia Paralímpica Internacional que é do Comitê Paralímpico Internacional e por ocasião dessa iniciativa o Comitê Paralímpico Brasileiro junto a algumas universidades que já tinham tradição no esporte paralímpico para elaborar a Academia Paralímpica Brasileira. Então nesta reunião de pessoas e instituições foram convidados a Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Federal de São Paulo e algumas universidades também que não estavam diretamente, mas que tinham pessoas trabalhando no Comitê Paralímpico Brasileiro como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Logicamente foi montado e elaborado um regimento interno da Academia Paralímpica Brasileira cujo objetivos primordiais são dois: a formação de profissionais para o trabalho no esporte paralímpico e o desenvolvimento da ciência da pesquisa e da tecnologia na área do esporte paralímpico. Então desde 2010 estou envolvido sim, desde a sua criação com a Academia Paralímpica.

C.M. – A gente queria que você contasse como tem sido esse trabalho à frente da academia?

A.M – Bom, na realidade ela começou sendo coordenada pelo professor José Júlio Gavião⁷ da UNICAMP⁸; logo depois o professor teve que se afastar por questões profissionais dentro da própria universidade e eu recebi o convite do presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro, Andrew Parsons, para assumir a coordenação da Academia Paralímpica e a gente vem fazendo esse trabalho não só com vários cursos de formação de técnico nas várias modalidades de habilitação e formação, mas também uma variedade muito grande de cursos em todas as áreas do esporte paralímpico em várias regiões e cidades do Brasil,

⁷ José Júlio Gavião de Almeida.

⁸ Universidade Estadual de Campinas.

atendendo à capacitação de professores das redes municipais, estaduais, professores de Educação Física que devem atuar na escola na busca de novos talentos e de oportunidade para as pessoas com deficiência ou as crianças poderem praticar o esporte. Então a gente tem feito vários cursos durante esses anos, principalmente esses dois últimos anos no Brasil e vamos começar agora também, como é objetivo do presidente da Academia, que é presidente do Comitê Paralímpico também estender essa contribuição aos países vizinhos ou aos países que necessitem. Nós estamos já com um curso marcado para Cabo Verde, na África e também para Angola e, além disso, nós temos feito uma aproximação muito grande com as universidades e chamando as universidades como membros parceiros institucionais da Academia. Com isso nos também já elaboramos e já realizamos três congressos internacionais, estamos indo para o quarto congresso no próximo ano em Florianópolis, Santa Catarina, onde a gente tem os maiores expoentes da ciência, da pesquisa e também do próprio esporte paralímpico aqui no país, discutindo a evolução, as tendências e o desenvolvimento do esporte no Brasil e no mundo.

C.M. – E agora, falando um pouco mais sobre a participação nos Jogos Paralímpicos, como você chegou a ser chefe de delegação nos Jogos? Através de um convite?

A.M – É, foi através de um convite do presidente do Comitê Paralímpico, na ocasião, primeiro o João Batista⁹ para a Paralímpiada de Sidney, posteriormente o presidente Vital Severino¹⁰ como presidente do Comitê me convidou para chefiar as delegações das Paralímpiadas de Atenas e de Pequim. Então eu tive esse grande privilégio, essa oportunidade de chefiar a delegação do Brasil, principalmente nesse crescente, nesse desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro.

C.M. – Quais são as principais funções de um chefe de delegação?

A.M – O chefe de delegação ele trabalha desde a contribuição, a participação na montagem da delegação... Logicamente o chefe de delegação não faz convocação de atletas, porque os atletas na maioria das vezes ou eles são convocados por “ranking” ou são convocados pelos próprios técnicos nacionais. Mas o chefe da delegação ele participa inicialmente de

⁹ João Batista de Carvalho e Silva.

¹⁰ Vital Severino Neto.

todas as reuniões de chefes de missão do local dos jogos para conhecer as instalações, para discutir a organização, para colocar as suas demandas... Até o final que é o fechamento dos jogos. Então a gente participa da formação da delegação, da formação das demandas, de logística, infraestrutura da vila e logicamente o chefe da delegação ele é o representante maior do país durante os jogos, então é ele que define, ele que tem toda autonomia para tomar todas as decisões com relação à delegação.

C.M. – Qual era a situação das delegações do Brasil, nesses Jogos, nesses três Jogos que você foi? Tinha apoio? Tinha patrocínio? Era acessível?

A.M. – Logicamente as coisas foram crescendo gradativamente. Em Sidney, o Brasil levou a imprensa; imprensa escrita basicamente, os jornais, teve a Televisão Educativa que transmitiu alguma coisa. Tínhamos pouquíssima expressão na busca de patrocínios, então o grande patrocinador do esporte paralímpico sempre foi o Ministério do Esporte do Governo Federal, depois entrou Loterias Caixa¹¹, entrou Unimed¹² e entrou outros patrocinadores. Mas a partir daí veio desenvolvendo e melhorando gradativamente, então não posso dizer que não tivemos apoio, eu sempre tive um apoio muito grande, não só do Comitê Paralímpico Brasileiro que sempre esteve por trás de toda infraestrutura e toda logística necessária, então, não posso dizer que tenha nos faltado qualquer coisa para as melhores condições para os atletas e isso tem melhorado sensivelmente. Hoje a delegação viaja com mais de trezentas pessoas, então a gente tem uma infraestrutura não só dentro da Vila Paralímpica, mas também uma infraestrutura fora da Vila para atender não só as questões, as demandas da delegação que não podem ser resolvidas no interior da Vila mas que podem ser resolvidas externamente. A gente tem tido uma infraestrutura boa, temos uma infraestrutura própria de médicos, de fisioterapeutas, psicólogos. Então apesar da Vila oferecer isso, o Brasil leva a sua própria estrutura; estrutura de escritório, de apoio, de jornalismo. Hoje eu posso dizer que o Brasil é uma grande potência, não só na conquista de medalhas, mas o Brasil hoje é uma conquista... É uma grande potência na sua organização, administração, logística e infraestrutura do esporte paralímpico. Eu não fui o chefe da delegação em Londres, mas eu estive assistindo a Paralímpiada de Londres e a gente viu também que de Sidney para cá essa infraestrutura tem melhorado cada vez mais. Então o

¹¹ Loteria da Caixa Econômica Federal.

¹² Empresa de planos de saúde.

Brasil também hoje é uma grande potência, um grande exemplo de infraestrutura e logística em participação em grandes eventos, não só na Paralímpiada, nos mundiais, nos Jogos Parapanamericanos. O Comitê Paralímpico Brasileiro tem oferecido aos atletas e à comissão técnica todas as condições necessárias para que eles possam desenvolver e chegar a atingir a meta proposta.

C.M. – E na sua visão, os esportes paralímpicos, eles tem sido mais valorizados? Mais visibilizados?

A.M. – Eu acredito que sim. Logicamente essa valorização se dá na medida em que você aumenta a informação para a sociedade, a partir do momento em que a mídia, principalmente a mídia televisiva que é o meio de comunicação de massa que tem um maior poder de penetração na sociedade. Então, a partir do momento em que a comunidade, que a sociedade conhece o esporte paralímpico, conhece os atletas paralímpicos essa valorização vem sendo gradativa. Lógico que existe ainda alguma desinformação com relação com alguns processos do esporte paralímpico, quando você, por exemplo, tenta comparar o olímpico com o paralímpico existem algumas nuances, algumas variáveis que não podem ser comparadas, até mesmo com relação ao número de medalhas, então nós não podemos comparar o que não é comparável. Por exemplo, você diz: “o esporte paralímpico ganhou vinte e uma medalhas de ouro e o olímpico ganhou uma”. Vamos supor, mas o número de medalhas de ouro em disputa nos Jogos Paralímpicos é bem maior do que nos Jogos Olímpicos. Isso não desvaloriza o atleta paralímpico, mas o certo seria a gente comparar a nossa evolução, não comparar com o olímpico que, por exemplo, numa prova... Pega uma prova de 100 metros de natação, nado livre: na Olimpíada você tem duas medalhas em jogo, 100 metros livres no masculino e 100 metros livres no feminino. No paralímpico teoricamente você teria vinte oito medalhas só na prova de 100 metros nado livre de ouro em disputa. Porque são quatorze classes masculina e quatorze classes feminina na prova de 100 metros nado livre, agora vocês imaginam isso para frente. Essa desinformação ainda leva a essa comparação que não é a mais justa. Mas a comparação justa é aquela em que você vê o desenvolvimento do Brasil durante esses últimos anos, durante essas últimas duas décadas e a própria comparação do crescimento do Brasil em relação a outros países no esporte paralímpico.

C.M. – Professor gostaria de registrar mais alguma coisa?

A.M. – Não, só de agradecer e parabenizar vocês. Eu acho que é muito importante o trabalho da memória, eu acho que esse trabalho que vocês fazem é um trabalho bastante interessante porque apesar de hoje a gente ainda ter essa memória, mas nós temos que ter isso para frente. E eu acho muito importante esse trabalho que vocês fazem de resgatar essa memória da história porque principalmente no esporte paraolímpico a gente tem pouca história. Então é importante que vocês façam e continuem fazendo esse trabalho.

C.M. – Está ótimo, em nome do Centro de Memória agradeço muito seu depoimento.

[FINAL DA ENTREVISTA]